

# WELLINGTON GIL RODRIGUES (1974 - 2015)

Júlio César Leal Pereira<sup>1</sup>

## RESUMO

“Um sábio que morre é como uma biblioteca que se queima”, diz um antigo ditado popular. Por alguma razão, essa frase me faz lembrar um amigo e colega querido cuja saudade me aperta o peito. Conheci poucas pessoas que, como o professor Wellington Gil, combinassem intelecto e sentimento de uma maneira tão equilibrada. Conheci poucos que, como ele, tenham sido sábios nas letras e nas ciências, mas também nos relacionamentos. Conheci poucos que, amando o que faziam, tenham, com igual força e intensidade, amado genuinamente àqueles a quem serviram. Nesta breve exposição, serão apresentadas memórias em respeito a Wellington Gil, que por dez anos, atuou como professor na Faculdade Adventista da Bahia (FADBA) e Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia (SALT).

**Palavras-Chave:** Necrológica. Obituário. Teologia.

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Atuou como docente na Faculdade Adventista da Bahia (FADBA) e Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia (SALT). E-mail: [drjulioreal@gmail.com](mailto:drjulioreal@gmail.com).

“Um sábio que morre é como uma biblioteca que se queima”, diz um antigo ditado popular. Por alguma razão, essa frase me faz lembrar um amigo e colega querido cuja saudade me aperta o peito. Conheci poucas pessoas que, como o professor Wellington Gil, combinassem intelecto e sentimento de uma maneira tão equilibrada. Conheci poucos que, como ele, tenham sido sábios nas letras e nas ciências, mas também nos relacionamentos. Conheci poucos que, amando o que faziam, tenham, com igual força e intensidade, amado genuinamente àqueles a quem serviram. Conheci poucos que, reconhecendo seus muitos desafios, tenham sabido superá-los com tenacidade, leveza, bom-humor e, mais ainda, sem diminuir os que estavam à sua volta. Gil não era um homem alto, mas era um homem grande. Não tinha uma voz profunda, mas tinha um pensamento agudo e ágil. Não tinha todas as respostas, mas possuía a mente inquisidora de um verdadeiro mestre e o coração humilde de um verdadeiro aprendiz. Ao lado dele, todos nós nos agigantávamos. Sob sua influência, ninguém se sentia inferior ou incapaz.

Por ocasião de sua morte, as inúmeras homenagens que lhe foram prestadas dizem do carinho que seus alunos sentiam por ele. Contudo, os insistentes tributos de gratidão que recebeu durante toda sua carreira docente mostram que a homenagem póstuma não foi mera formalidade nem frio cumprimento de uma tradição. Humano e solidário como poucos, Gil era como um ímã; sabia atrair e tocar as pessoas, sabia ver o melhor em cada uma delas, sabia fazê-las se sentir importantes e à vontade em sua presença. Este é o testemunho das muitas frases lapidares que se proliferaram pela internet quando a notícia de sua partida se espalhou: “Um grande homem, uma pessoa maravilhosa e um profissional sem igual, que deixou muitos ensinamentos, grandes e lindas lições de vida. Sempre será recordado com carinho, respeito e admiração” (Luana Souza). “Wellington Gil Rodrigues está entre os professores que, de forma significativa, deixaram em minha vida impressões e marcas para a eternidade! Obrigada por tudo!” (Dalila Chaves).

“Hoje, 16 de setembro de 2015, completa um mês que o nosso amigo-irmão, dorme no Senhor. Que saudade!” (Maria Alves Batista). “Recién me entero de esta desgracia. Pasamos juntos tres días muy fermentales en Chile, en un Simposio. Gran persona él demostró ser en tan poquito tiempo” (Sofia). “Em 2008, na Chapada Diamantina, começamos uma boa amizade, que durou até esses dias, quando Deus decidiu que já era o tempo dele nessa Terra, onde todos nós somos peregrinos. Deixo esse vídeo em memória de nosso mestre e companheiro Wellington Gil Rodrigues” (Paulo Pola). Nunca esqueço que conheci o Farol da Barra, em Salvador, por meio deste amigo, Wellington Gil Rodrigues. Chorei muito, lembrando dos conselhos que me dava. Os amigos deixam marcas. Vamos sentir para sempre sua falta. Saudades eternas!” (Ana Amanda Raio). “Ele fez muito por mim. Sua bondade e solidariedade jamais vou esquecer. Se hoje tenho meu diploma de pedagoga devo isso, em parte, a Gil. Eu nunca pensei que no ano passado, quando ele me levou até a estação de Cachoeira, e ali nos despedimos, seria a última vez

que eu veria este grande amigo. No caminho, ele me falou que o sonho dele era conhecer os Estados Unidos. Um dia sei que o verei novamente. Ele está somente descansando. Eternas saudades!!!!” (Cícera Cacau).

Em 2013, quando prestes a decidir se passaria alguns meses estudando na Itália, acompanhado da família, Gil hesitou. Ele receberia uma bolsa de estudos para fazer, no exterior, parte de seu Doutorado em Ensino, Filosofia e História da Ciência. Contudo, tão logo fez os cálculos e estimativas, entendeu que as limitações financeiras seriam grandes e o tempo disponível para lazer, pequeno. Álef já era nascido. Como um casal com um filho pequeno lidaria com aquela experiência? Vi a preocupação em seus olhos quando ele me abordou um dia no campus, em busca de conselho. Ele conhecia minha história. Minha filha pequena era bilíngue; minha esposa também. Eu tinha boas lembranças de meus estudos fora do país e não me arrependia de ter deixado o Brasil para estudar fora. Gil e eu tínhamos muitas coisas em comum, incluindo o desejo de saber mais para compartilhar nossas aprendizagens com aqueles que cruzassem nosso caminho. “Fácil não vai ser” – eu respondi. “Mas vale a pena!” Era como se ele, intuitivamente, já soubesse disso. Uma carreira acadêmica às vezes tem um alto preço, mas Gil sempre se mostrou disposto a fazer o que fosse necessário. E assim, desafiando a crença de que origem social pode facilmente se tornar destino, ele se ergueu acima dos obstáculos que encontrou e alçou os voos que pôde, sem nunca perder o brilho no olhar. Não me admira que o admirem. Pessoas que inspiram são assim mesmo: elas tomam decisões difíceis, e seguem em frente. Desse jeito, animam aqueles que, diante das dificuldades, têm vontade de desistir.

No dia a dia, Gil sempre surpreendia os alunos a cada nova aula e projeto, aguçando neles a criatividade. Era organizado, atento aos cronogramas e um incansável pesquisador, que amava compartilhar fotos de suas aventuras nos lugares mais exuberantes. Ele amava a natureza e via nela as digitais do Criador. As atividades e avaliações que ele propunha aos estudantes eram complexas e desafiadoras, mas não exageradas nem injustas. Ele não se contentava em ficar apenas na sala de aula. Um de seus ex-alunos, Tarcísio Matos, escreveu: “Com Gil, nós fazíamos diversas “aulas-passeios” nas quais explorávamos cada canto do campus. Por vezes, ele nos convidava a participar de projetos em outros municípios e a desfrutar das belezas naturais da Bahia (Chapada Diamantina). O professor Gil nos conhecia pelo nosso nome (apesar de colocar apelidos em quase todos da sala). Ele não hesitava em nos cumprimentar, não importando o local onde estivesse. Tinha um senso de humor singular. Ao seu lado, era difícil conter as gargalhadas! Mesmo sendo um grande pesquisador, trazia em sua personalidade certa leveza e humildade, que o tornavam distinto. Por vezes, era escolhido como conselheiro da turma. Com suas palavras e exemplo, ele nos mostrava que não devíamos hesitar na busca por nossos sonhos e objetivos. Afinal, ele mesmo havia superado muitos desafios, evidenciando o quanto Deus usa pessoas simples para

obras extraordinárias!”

Outros estudantes partilham dessa mesma percepção sobre o professor Wellington Gil: “Sua humanidade sempre foi marcante, o tato com todos os alunos, a preocupação em tratá-los bem. Não houve um dia sequer, na faculdade e na pós, que eu me lembre de vê-lo com cara fechada. Ele sempre tinha um sorriso no rosto e palavras amigas nos lábios!” (Roseane Faria). “O professor Wellington Gil Rodrigues nos ensinou muito, não só com suas aulas, mas também com seu exemplo e sua amizade” (Mayara Santos). “Como suportar a voz que se calou trazendo silêncio? E o que fazer para conter as lágrimas diante das lembranças de um passado, de risos trocados, abraços apertados e passeios divertidos? Jamais esquecerei cada momento que vivemos juntos, amigo!” (Eliane Alves). De fato, não dá para esquecer quem nos fez o bem, e é impossível não sofrer com a perda daqueles que, se dependesse de nós, não veriam jamais a morte. Esse é, por sinal, um dos maiores dilemas já vividos pelas pessoas de fé através dos séculos: “Por que Deus permite que coisas ruins aconteçam a pessoas boas?” Em um artigo intitulado “Por quê?”, publicado em 2013 na Revista Adventista, na edição de setembro, o professor Wellington Gil explica com maestria e sensibilidade como enfrentar um dilema que, não muito tempo depois, ele viveria na própria carne (<http://www.adventista.edu.br/portal-noticias/796>).

Wellington Gil Rodrigues nasceu em 19 de março de 1974, na pequena cidade de Pio XII, estado do Maranhão, Brasil. O Filho de dona Maria do Socorro Rodrigues, teve uma segunda mãe, dona Leoniza de Jesus, com quem ele viveu os anos de sua juventude na cidade de Bacabal, Maranhão, e que foi seu grande amor pelo resto da vida. Em 1999, Wellington Gil se graduou em Pedagogia na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), onde foi professor. Quando ingressou no Mestrado em Educação em 2003, começou a nutrir o desejo de trabalhar na Faculdade Adventista da Bahia (FADBA), o que se realizou depois de concluído o mestrado na Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

Gil e Jéssica se casaram em setembro de 2008, quatro anos depois de terem se conhecido. Para a alegria do casal, Álef nasceu em junho de 2011, e era muito apegado ao pai. Gil foi então admitido como estudante de doutorado na Universidade Federal da Bahia. Algum tempo depois, em março de 2013, ele descobriu um melanoma na orelha esquerda, o que lhe trouxe muita angústia, preocupação e um caminhar mais estreito com Deus. Durante seus estudos de doutorado, enquanto se tratava, começou a desenvolver atividades acadêmicas no Museo Galileo, em Florença, na Itália, como pesquisador visitante. Era o início do ano de 2014. A doença parecia estar em remissão. Cada novo dia era um milagre, um presente de Deus para ele e sua família. A estada na Europa foi muito gratificante e, de certo modo, representava a realização de um sonho. “Todos os dias rendíamos graças ao Senhor – conta Jéssica –, foram dias vividos com alegre intensidade”.

Sobre essa experiência, uma amiga de Florença escreveria um tempo depois:

“Durante os oito meses que o Wellington Gil, Jéssica, e seu lindo filho Álef viveram aqui na Itália, tive o privilégio de conhecê-los na Villa Aurora University. Nossa amizade foi maravilhosa e intensa. Há 13 dias, a Jéssica me contou que, depois de muito tempo, o câncer do Wellington voltou bem mais agressivo e me informou que o estado dele era grave. Foi com bastante pesar que recebi a triste notícia de que ontem ele descansou no Senhor. Venho, por meio desta mensagem, expressar meu profundo sentimento, mas sei que as palavras não serão suficientes. Sei que dói muito perder alguém que amamos, mas Deus enxugará de seus olhos toda a lágrima, Jéssica. Nunca perca a fé nem a esperança em Cristo Jesus. Relembre quem foi o Wellington: um grande esposo, pai maravilhoso do Álef e um grande amigo” (Daniela Vieira Tristani).

No segundo semestre de 2014, ao retornar ao Brasil, Gil foi diagnosticado com uma metástase no pulmão esquerdo. Ele continuou trabalhando normalmente, até meados de maio de 2015, quando, acometido por fortes dores de cabeça, viu sua saúde se deteriorar rapidamente. Wellington Gil faleceu em 16 de agosto de 2015, aos 41 anos, sem jamais deixar de ser um fiel discípulo do Mestre Jesus, seu grande mentor. Desde aquele dia, para Álef, bem como para todos os familiares, amigos, colegas e ex-alunos, teve início a angustiada espera pelo reencontro, que ocorrerá por ocasião da volta de Jesus, nossa esperança.